



## O espaço, o ato, os atores: uma interação pela produção do conhecimento no ensino acadêmico de Contabilidade

Marcelino de Assis Rodrigues

Ilka Miglio de Mesquita

*Os conhecimentos científicos são, primordialmente, conhecimentos sociais e, nesse sentido, trata-se de compreender como os sujeitos histórico-sociais (re)construem os conhecimentos sociais historicamente. (KRAMER)*

Este artigo demonstra alguns resultados da pesquisa que desenvolvemos sobre o professor de Contabilidade e sua prática pedagógica. Foi por meio de duas categorias Ato de Ensinar e Ato de Aprender que buscamos a produção do conhecimento diante da relação vivida pelos sujeitos Professor-Narrador e Aluno-Interlocutor dentro do espaço de convivência social denominado sala de aula universitária.

Na formação inicial do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, começamos a desenvolver este trabalho nas entrelinhas da narrativa de uma história.

Os primeiros períodos desta história foram insipientes. O narrador expressava toda a sua emoção diante da história narrada para seus interlocutores. Sua expressão fluía em emoção quando percebia que seus conhecimentos estavam sendo transmitidos, discutidos, por meio de um simples gesto de trocas.

A cada período o curso estava sendo construído, tecido por mãos de narradores que queriam expressar suas experiências e deixar para seus interlocutores sua história. Davam o que tinham de melhor e às vezes faziam o impossível ser possível dentro de um espaço que só eles conheciam.

O tempo e o espaço em que se começou a construir esta história foram se modificando, e os conhecimentos científicos que sustentariam a formação profissional, por meio das experiências e vivências dos narradores, foram deixados à parte, ficando meramente o teórico. E o caminho dessa história começou

a ficar contorcido, conflituoso: a voz já não era a de um narrador. A voz passou a ser uma simples comunicação por uma única via: tecnicista, fria, desumana, sem trocas, sem relevância para uma vida profissional.

Em meio a esse emaranhado, a narrativa perdeu o seu humor, suas emoções, sua subjetividade, o riso e a ironia. A docência perdeu o seu encanto, sua importância dentro do contexto da história, tornando-se assim uma marionete de uma evolução avassaladora. E, ao dicotomizar teoria e prática, o narrador deixou de sê-lo.

Ao final, o professor do Curso de Ciências Contábeis já estava cansado de falar o mesmo. E, ao passar do tempo, a aula ficou defasada e repetitiva. Creio que tal fato se relaciona à falta de suas experiências profissionais, a narração... Desmotivado, o interlocutor desta história incessantemente buscava experiências em outros espaços, pois o seu interesse pela profissionalização não terminaria com a conclusão de mais um curso.

Vãos questionamentos e caminhos foram tecidos e percorridos ao longo da história do curso de graduação em Ciências Contábeis.

cias Contábeis. E foi a partir dessa luz que teve origem o objeto de trabalho desta pesquisa. Da luz do problema da experiência vivida ao problema de pesquisa. Traz-se, portanto, para dentro deste texto/contexto, o estudo que tem como enfoque a docência no curso superior de Ciências Contábeis.

Nesse sentido, questiona-se: como o professor de Contabilidade pode aliar teoria e prática no ato pedagógico da docência? Como o professor de Contabilidade tem trabalhado a relação ensino-aprendizagem na aula do ensino superior? Enfim, ao abordarmos suas experiências vividas no cotidiano pedagógico da sala de aula universitária, o professor estará exercendo o ato de ensinar, como narrador da história, e o aluno o de aprender, como interlocutor?

Também, parte-se do pressuposto de que o professor de Contabilidade, ao separar teoria e prática, estará tomando o ato de ensinar repetitivo e conservador e, ao mesmo tempo, prescritivo e simplista. Por outro lado, se o professor de Contabilidade unir teoria e prática, pelo ensino-pesquisa, pela narração de suas experiências de vida profissional, poderá, pela sua prática pedagógica, relacionar o ato de ensinar ao ato de aprender. Desse modo, despertará no graduando um interesse maior pelo curso de Ciências Contábeis.

Portanto, foi a partir de Sônia Kramer que procuramos definir a categoria 'ato de ensinar' eleita para a pesquisa.

*Ato de ensinar é: ... um conhecimento prazeroso, porque imbricado à sua experiência concreta; um conhecimento coletivo, porque nascido de uma prática comum; um conhecimento que não é reduzido a meras informações mecânicas supostamente transmitidas em rápidas 'reciclagens' e 'Capacitações'; um conhecimento vivo, porque vinculado às histórias daqueles que o produzem. (KRAMER, 2002).*

Do ato de ensinar passamos para o ato de aprender, na possibilidade de que a universidade repense a inter-relação de disciplinas diante da perspectiva da

formação profissional do universitário. Novamente Kramer (2002) nos aponta a definição da categoria 'ato de aprender', que está em "...despontar e aprofundar, Romper e refazer, convivendo com as contradições. E perseguindo as possibilidades. Sem promessas. Apenas com paixão".

### **Sala de aula universitária: espaço de convivência social**

Espaço, ambiente, locus, lugar em que podemos discutir, comunicar, falar, perguntar, sentir, criar possibilidades, resolver problemas, ensinar, aprender e pesquisar. Diante deste emaranhado ainda indaga-se: o que poderia definir a sala de aula universitária?

Dentro desse espaço abrangente de conceitos, podemos discutir o que poderia ser o social. Para Barus-Michel (2004), "é social o que liga os indivíduos tornando por isso companheiros, aliados, associados". Porque, segundo a autora, esses indivíduos partilham e se reconhecem, tornando-se membros da unidade criada. É nessa unidade que o sentimento de pertencimento se aflora, pelo nível afetivo e efetivo do fazer dos membros do grupo. Assim, permite que o indivíduo no grupo diga 'nós'.

O laço social é o que permite aos membros do grupo orientar-se, comunicar-se, adaptar-se uns aos outros, criando assim um contrato entre as partes. Barus-Michel (2004) mostra que "a melhor expressão do social é a língua. É por sua língua comum, adequando-se a ela ou utilizando-a, que os membros de um grupo comunicam, reconhecem-se e realizam uma ação coletiva".

Portanto, "a linguagem é produção humana acontecida na história; produção que construídas nas interações sociais, nos diálogos vivos e que permite pensar as demais ações e a si própria, constituindo a consciência". (KRAMER, 2002).

Assim, os indivíduos que se interagem pelo diálogo se comprometem socialmente e são considerados por Barus-

Michel como "sujeitos sociais" formadores de um grupo, no qual pode-se definir: *O grupo é a unidade designada pelo "nós". Ao mesmo tempo, cada indivíduo que participa do grupo permanece enquanto tal, sujeito autônomo e organicamente definido. Pode a continuar a dizer "eu" em seu próprio nome e por exemplo, "não estou de acordo". Cada indivíduo é também membro do grupo, parte de um todo, no qual, de um lado, conta com um excedente de identidade por assimilação positiva às outras partes e ao conjunto e, de outro lado, acha-se destituído de suas prerrogativas de sujeito para ser reduzido ao estado de elemento, utilizado numa unidade que a ultrapassa. Exceto no totalitarismo, o sujeito social não anula os sujeitos individuais, que continuam a manter suas particularidades, sendo suas contradições. Dois modos de sujeitos coabitam. Os atores sociais membros do grupo, não deixam de ser pessoas singulares. (BARUS-MICHEL, 2004).*

Os sujeitos individuais professor e aluno são atores, que, ao interagirem e formarem grupos, tornam-se sujeitos sociais membros do espaço 'sala de aula universitária'. No qual, o "...trabalho docente se torna mais evidente. É ali, no espaço físico para a realização do ensino formal e sistematizado, que o professor se encontra com o grupo de alunos". (VEIGA, 2000).

O espaço da sala de aula universitária expressa em todos os sentidos uma convivência social de professor e aluno como produtores de novos conhecimentos, intercruzando saberes, levantando problemas e suas possíveis soluções. Espaço de pesquisa e aprimoramento profissional com intuito de formar autores de suas próprias histórias. Dentro desse contexto de sala de aula, indaga-se: quem são os sujeitos, quem são os autores que fazem parte desse espaço de convivência social, desta história?

*Ser autor significa dizer a própria palavra, cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada... Ser*

*autor significa resgatar a possibilidade de 'ser humano', de agir coletivamente pelo que caracteriza e distingue os homens... Ser autor significa produzir com e para o outro... Somente sendo autor é que o universitário interage com a língua; somente sendo lida e ouvida pelos outros ele se identifica; diferencia; cresce no seu aprendizado... Somente sendo autor ele penetra na escrita viva e real, feita na história (KRAMER, 2002).*

Contudo, a construção da sala de aula universitária é feita de experiências pois é constituída de narradores e interlocutores. Sujeitos ativos de saberes em busca de novos conhecimentos. Enfim "... é preciso que não percorramos apenas as pegadas de caminhos conhecidos, mas que tenhamos a coragem também de saltar sobre o desconhecido, de buscar a construção de novos caminhos, criando novas pegadas". (VEIGA, 2000).

### **Aula universitária: fonte de saber, cenário de construção do conhecimento**

Saber, o que é o saber? Para Kramer (2002) "saber abrange uma dimensão científica, mas abrange igualmente a produção cultural, a literatura, a poesia, a arte em geral e a arte presente no cotidiano. O saber engloba a dimensão artística".

Segundo Charlot *et al.* (2003): "Para adquirir o saber, é preciso, portanto, entrar em uma atividade intelectual, o que supõe o desejo, e apropriar-se das normas que essa atividade implica".

O aluno busca na aula o saber. Mas, para que o "aluno se aproprie do saber, construa competências cognitivas, é preciso que estude, que se engaje em uma atividade intelectual, que se mobilize intelectualmente". E para que ele se mobilize, "é preciso que a situação de aprendizagem tenha para ele sentido, possa produzir prazer, responder a um desejo". (CHARLOT *et al.*, 2003).

Sendo assim, o projeto da aula universitária: "... não é apenas uma manifestação do pensar a ação e do agir, ou seja, não é só movimento de ideias, mas

*ideias em movimento. A aula constitui também, o desvelar do novo, do imprevisível, que surge na própria ação e que faz da aula um ato de criação e expressão de valores científicos, estéticos e éticos do professor, dos alunos, de um tempo, de uma cultura. (VEIGA, 2000).*

A aula universitária está emanada do conhecimento científico, no qual precisa ser concebida dentro e a partir de histórias construídas pela interação social. Assim, embutida no interior dos processos e das relações que são produzidas, move-se para diante e para trás, desbloqueando, rompendo. Kramer (2002) esclarece que "... os conhecimentos científicos são primordialmente, conhecimentos sociais e, nesse sentido, trata-se de compreender como os sujeitos histórico-sociais (re)construem os conhecimentos sociais produzidos historicamente".

Esse cenário de produção, de aprimoramento e de criação está embasado no conhecimento científico, a partir de histórias vivenciadas na prática profissional, inseridas dentro do espaço sala de aula universitária e partilhada pelos seus membros. Gera, portanto, conhecimentos sociais e transforma os sujeitos em seres históricos que (re)construem conhecimentos sociais já produzidos ao longo da história.

Sendo assim, Veiga (2000) afirma que "a aula implica também na elaboração de textos, produção de material didático e registro de um diário das aulas dos alunos da turma".

A aula universitária está em constante movimento diante de uma variedade de atividades científicas voltadas para o aluno, com o objetivo de sua iniciação à pesquisa diante da produção de conhecimento a partir dos saberes dos atores envolvidos nesse cenário.

Veiga (2000) explica que os alunos buscam como objetivo a "aula universitária", que "é o espaço onde o professor faz o que sabe, o que sente e se posiciona quanto à concepção de sociedade, de homem, de educação, de escola, de aluno e de seu próprio papel".

É nesse cenário que se pode tecer e compreender os significados e as relações que existem entre a sala de aula e a aula na educação superior. Assim, pode-se descobrir o papel do professor universitário.

*A aula é parte do todo, está inserida na universidade que, por sua vez, está filiada a um sistema educacional que também é parte de um sistema socioeconômico, político e cultural mais amplo. É a concretude do trabalho docente propriamente dito, que ocorre com a relação dialógica entre professor e alunos. Ela é o locus produtivo da aprendizagem, que é, também, produção por excelência. O resultado do ensino é a construção do novo e a criação de uma atitude questionadora, de busca e inquietação, sendo local de construção e socialização de conhecimento e cultura. O objetivo essencial do ensino é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno. (VEIGA, 2000).*

A construção do conhecimento está na relação entre professor e aluno dentro do espaço sala de aula. Para Veiga (2000), "o conhecimento é compreensivo e íntimo, não nos separando, mas nos unindo pessoalmente ao que estudamos".

Nesse intuito, alinhavamos o conhecimento através da interação entre professor e alunos, que, ao partilharem seus saberes, estão produzindo novos conhecimentos diante da possibilidade de criar soluções para problemas advindos das experiências vividas.

O conhecimento não se reduz à informação. No entanto, conhecer implica trabalhar com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as. Inteligência, consciência e sabedoria têm a ver com o arte de vincular conhecimento de maneira útil e pertinente.

Na estrutura universitária, a aula está impregnada de conhecimento científico e de ciência. Conforme Veiga (2000) "... a ciência é um ato humano, historicamente situado, que admite a não neutralidade e coloca em destaque a questão

**O espaço da sala de aula universitária expressa em todos os sentidos uma convivência social de professor e aluno como produtores de novos conhecimentos, intercruzando saberes, levantando problemas e suas possíveis soluções.**

da intencionalidade". É nesse sentido que, pela aula universitária, os atores se entrecruzam em diálogo com a ciência da área com a intenção de produzir conhecimentos.

Pode-se considerar que a aula universitária "... é o espaço onde o professor faz o que sabe, o que sente e se posiciona quanto à concepção de sociedade, de homem, de educação, de escola, de aluno e de seu próprio papel". (VEIGA, 2000). ... *Enfim, a aula é dinamizada pela relação pedagógica, porque registra, em situação concreta, a maneira de viver essa relação como vínculo libertador que propicia o exercício da autonomia. É ainda durante a aula que professores e alunos criam e recriam o processo educativo: tomam decisões quanto à concepção, execução, avaliação e revisão do processo de ensinar, aprender e pesquisar, alicerçadas pela pesquisa.* (VEIGA, 2000)

Desse modo, a aula universitária é cenário por excelência, em que professores e alunos têm oportunidades de ensino, pesquisa e extensão. Portanto, é fonte de saber, é arte de produzir conhecimentos.

### **Professor-narrador: sujeito ativo de sentidos**

Narrar histórias é dialogar com o passado, é (re)lembrar experiências vividas. Para Benjamin (1987) "... não é o passado que ilumina o presente, nem é o presente que ilumina o passado; passado e presente se conectam e reorganizam sempre em novas constelações..."

Por isso em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1987)

Com essas palavras ele descreve sobre a necessidade de impedir o esquecimento que cada vez mais irá se consolidar. Dessa forma, afirma que a principal ameaça sobre a humanidade é a perda de sua memória, vinculada ao esquecimento administrado por um mundo administrado, que faz com que os vencidos de hoje não se lembrem mais da história de ontem.

É por isso que Benjamin (1987) expressa o presente como momento revolucionário. Nele, o sujeito da história considera também o passado. O passado é como obra inacabada, na qual o sujeito deve trabalhar na plenitude do seu próprio 'agora'. Sendo assim, o professor, ao ser sujeito da história, cumpre a tarefa de tornar presente o tempo escondido, tendo como seu dever ligar seus precedentes através dos 'agoras'.

Então perguntamos: e o presente, onde fica? Ele "... fica num corredor obscuro e sem significados em que tudo o que supostamente se pretende ensinar só adquirirá sentido num longínquo 'um dia você vai precisar disso?'" (KRAMER, 2002).

Ao emergir, o professor-narrador mostra, a partir de sua história de vida, diversas interações no processo de construção das identidades pessoais e profissionais.

*Hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e ideais e muito exigente da ponta de vista do empenhamento e da relação humana. Houve um tempo em que a possibilidade de estudar o ensino, para além da subjetividade do professor, foi considerada um sucesso científico e um passo essencial em direção a uma ciência da*

*educação. Mas as utopias racionalistas não conseguiram pôr entre parênteses a especificidade irredutível da ação de cada professor, numa óbvia relação com as características pessoais e com as suas vivências profissionais como escreve Jennifer Nias: 'O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor'.* (NÓVOA, 1995).

Nesse sentido, o professor-narrador busca sua identidade, seu lugar, seu espaço. Nóvoa (1995) afirma que "a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto".

Então, o narrador, ao escrever suas histórias, transmite suas experiências, direta ou indiretamente, em forma de conselhos e conclusões. O professor-narrador é um sujeito ativo criador de sentidos ... *que sabe dar conselhos. Mas se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbalize a sua situação). O conselho tecida na substância viva da existência tem um nome: Sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - lado épico da verdade - está em extinção.* (BENJAMIN, 1985).

O ouvinte e o narrador partilham de uma coletividade, de uma experiência comum; sua relação é dominada pelo interesse em conservar o que é narrado. No entanto, "a narração não é apenas produto da voz, mas de tudo o que é aprendido na vida social". (KRAMER, 2002).

Para Fonseca (1997), a concepção de prática pedagógica dos professores-narradores é: "pensar no aluno". Por caminhos distintos, os sujeitos do processo educativo podem demonstrar uma profunda preocupação com a formação e o

desenvolvimento do educando, perante a preocupação do homem para com a vida, em toda a sua plenitude. Nesse sentido, todos se preocupam, fundamentalmente, com o caráter formativo do aluno.

Por outro lado, o professor teve sua experiência empobrecida. Conforme Kramer (2002) "... seu conhecimento não é visto como verdade aurática e ele não é narrador por não ter uma experiência coletiva a contar".

Diante disso, o professor-narrador concebe sua história e o seu ensino de forma distinta. Cada um ressalta uma dimensão do processo educativo e o seu papel na formação do homem. Segundo Benjamin (1985) "o narrador dispõe do acervo de toda uma vida, que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte, a experiência alheia". Assim, o Professor-Narrador é sujeito ativo de sentidos?

Creio que, ao narrar, une a sua experiência com a do outro e, por essa interação repleta de sentidos, redimensiona o ato pedagógico e alia teoria/prática.

### **Aluno-interlocutor: desafios e possibilidades**

Por meio de desafios, o aluno-interlocutor poderá romper barreiras e criar possibilidades? Os alunos universitários buscam incessantemente o conhecimento. Pois, ao entrarem na universidade, começam a descobrir seus objetivos na expectativa de uma formação profissional emanada de saberes. Mas, antes de nos adentrarmos nas entrelinhas da formação do aluno, pergunta-se: Quem são os alunos-interlocutores? Quais são os seus desafios? E o que os fazem criar novas possibilidades?

Diante dessas questões, Charlot *et al.* (2003) afirmam que os alunos: "... são indivíduos singulares e como todo ser humano, membros de uma sociedade. Todo ser humano é indissociavelmente social e singular".

O aluno é um sujeito social e singular, é um ser pertencente a uma sociedade,

vivendo em uma coletividade. Portanto, passa a ser um interlocutor pois estabelece uma interação com a linguagem ao identificar a comunicação como compreensão ativa em meio a uma coletividade: 'a sala de aula universitária'.

A comunicação verbal é um processo vivo da relação entre o pensamento e a palavra. Sendo assim, a consciência do aluno-interlocutor sobre a realidade vai se transformando, os processos mentais começam a mudar, sua capacidade crítica vai sendo construída e sua ação orientada. Nada permanece imobilizado ou congelado.

Dessa forma, a educadora Sônia Kramer (2002) ensina que: *A atividade do sujeito - longe de ser vista como a relação de um suposto indivíduo isolado com objetos estanques do mundo físico - é percebida na interação, sendo sempre mediada pelos signos linguísticos, que são construídos cultural e historicamente também nas interações sociais.*

Mas, por outro lado, o aluno-interlocutor está rodeado de desafios a desvendar ao longo de seu percurso universitário. Desafios que o desafiam. Que se mexem, que se contorcem, que explodem como bombas em um contexto tumultuado de palavras. E o que dá sentido às palavras?

*O contexto. Pois em contextos diferentes o sentido muda, enquanto o significado permanece estável. Os sentidos se movem, são vivos; o significado é cristalizado, só existe como abstração. E o que determina a escolha de um certo sentido pelo sujeito? A motivação, a afetividade, as emoções...* (KRAMER, 2002).

No entanto, o aluno-interlocutor procura enfrentar seus desafios em um contexto às vezes inoportuno. Esses desafios são enfrentados pela busca de sentidos, muitas vezes ladeados não pela motivação ou afetividade e emoção, mas pela obrigatoriedade imposta pela universidade, pela opressão de professores que não dialogam, pelo descaço diante da aula e da sala de aula universitária.

É nesse emaranhado de conflitos que o aluno-interlocutor enfrenta desafios e

busca possibilidades para sanar as falhas deixadas durante o percurso universitário. Possibilidades que são descobertas na inter-relação da teoria adquirida em sala de aula e da prática vivenciada no seu próprio ambiente de trabalho. Ao se intercruzarem, são teletransportadas para dentro do ambiente da sala de aula como fonte enriquecedora para a produção de novos conhecimentos.

Dessa forma, essas possibilidades são alimentadas pelo interesse do aluno-interlocutor diante da pesquisa e do conhecimento científico com o objetivo de construir e produzir conhecimentos, com a finalidade de instituir soluções inovadoras para os problemas sociais vivenciados.

Segundo Charlot *et al.* (2003) para que isso se fundamente "... é preciso ouvir, é preciso que o aluno se mobilize, é preciso que estude, que se engaje em uma atividade intelectual, que se mobilize intelectualmente".

Nesse sentido, o aluno-interlocutor responde como ser capaz de absorver e produzir conhecimentos pelos saberes já aprimorados pelos professores. Mas, para que isso aconteça, é preciso existir a relação de ensino-pesquisa dentro da universidade.

Charlot *et al.* (2003) desenham o aluno como aquele que "... aprende e adquire conhecimentos, entra em novos domínios do saber e compreende melhor o mundo e tem nisso prazer".

Entim, o aluno-interlocutor, ao desenvolver suas habilidades, enfrentando seus desafios e criando possibilidades dentro da aula universitária, está apropriando-se da palavra como meio de comunicação. Kramer (2002) afirma que "... a palavra é o produto da interação locutor-ouvinte, é ponte entre o eu e os outros, é o território comum do locutor e do interlocutor. Sempre há um auditório social em jogo, sempre há diálogo".

É pelos diálogos que interagimos como seres criadores de saberes. E nos grupos da 'sala de aula universitária' que se desafiam os potenciais e é comunicando que se criam possibilidades

capazes de transformar o ambiente em um espaço inovador dotado de conhecimentos científicos. Esses conhecimentos, ao serem dialogados e trabalhados pelas mãos de professores e alunos, não são reproduzidos, mas transformados em outros conhecimentos. E, nesse sentido, poderá haver interação na relação de ensino-aprendizagem, ensino-pesquisa e de teoria-prática.

É o aluno do Curso de Ciências Contábeis tem se tornado um interlocutor, rompendo barreiras e criando possibilidades na aula universitária?

### Considerações finais

Construir caminhos a partir do ensinar e do aprender é estar trabalhando a inter-relação entre sujeitos: professor e aluno. Nesse percurso de construção, identidades e trajetórias se entrecruzam na busca do saber, no intuito de aprender e de ensinar.

É preciso, então, apropriar-se da relação teoria-prática, mobilizando professores e alunos, para que a produção do conhecimento possa aflorar-se em um ambiente de coletividade: para o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Dessa forma, o movimento para aprender e o desejo de ensinar estão relacionados com o saber. Sendo assim, quando ocorre, o encontro do desejo e do saber significa a construção de uma aula interessante.

Portanto, no caminho universitário os alunos penetram na vida intelectual em busca de um ensino que privilegie a produção do conhecimento, o que implica pensar no desejo e no saber.

Sendo assim, o essencial do ato de ensinar e aprender é a ação dos sujeitos, ao introduzir o movimento das palavras. Saber e aprender passam a ser pautados pela linguagem dos diálogos estimulados pelos sujeitos professor-narrador e aluno-interlocutor dentro do cenário da sala de aula universitária, tendo como objeto a aula.

Nesse sentido, ao resgatar o ato de

ensinar e o ato de aprender, diante do processo do ensino-aprendizagem de Contabilidade do Curso de Ciências Contábeis, afirma-se que o professor só consegue aliar a teoria/prática por meio do ensino-pesquisa que é a articulação fundamental para que se construam os conhecimentos tecidos na academia.

Para tanto, ao abordar suas vivências e suas experiências dentro do cotidiano pedagógico da sala de aula, o professor está exercendo o ato de ensinar como narrador e o aluno o de aprender como interlocutor. Essa relação narrador e interlocutor no ensino de Contabilidade cria a possibilidade de desenvolver nos sujeitos o ato de agir e de mobilizar-se em prol da pesquisa, em busca de soluções eficazes que resolvam ou solucionem os problemas de uma sociedade caótica e desumana.

O ensino de Contabilidade está caminhando rumo à produção do conhecimento, mas, para que isso aconteça, os sujeitos professores e alunos devem estar dispostos a criar um sentimento de pertencimento que os possibilitem dizer 'nós'.

Por outro lado, dentro desse percurso universitário, parece que as vozes e os atores não estão se relacionando. Terá esse desencontro relação ao definhamento da arte de narrar? Será que a sabedoria, 'o lado épico da verdade', realmente está definhando?

Questões que ainda não foram respondidas diante do ensino de Contabilidade. Dessa forma, ainda se indaga: Quem narra hoje no Curso de Ciências Contábeis? O professor? O aluno? Ou ninguém?...

Estará a educação superior de ensino de Contabilidade fadada a ser mera transmissora de informações 'verificáveis', 'úteis', 'funcionais', 'instrumentais'? É viável que o professor de Contabilidade se torne um narrador, ou isso é impossível?

Afinal: Que tipo de produtor é o professor? É autor do seu trabalho, ou passou simplesmente a ocupar um lugar 'na linha de montagem' da universidade?

É possível, apesar de tudo, construir uma prática social comum com os alunos?

Ao tecer esta narrativa e ao relembrar estas considerações e indagações, procuramos construir um caminho na busca pela produção do conhecimento. Sente-se, angustia-se, dialoga-se e se busca a produção de um texto que possa colocar, para alunos e coordenadores de Contabilidade, o desafio de construir caminhos pela produção de conhecimento. Para que, assim, a engrenagem pedagógica do ensino superior possa mover-se do ato de ensinar ao ato de aprender.



**Marcelino de Assis Rodrigues** – Pós-graduado ao título de Especialista em Contabilidade na Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Campus Bom Despacho. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC.



**Ilka Miglio de Mesquita** – Doutorado em Educação pela Universidade de Campinas – UNICAMP – Mestre pela Universidade Federal de Uberlândia – Coordenadora e Professora do Curso de Pedagogia da UNIPAC – Campus Bom Despacho/MG.

### REFERÊNCIAS

- BARUS MICHÉL, Jacqueline. *O sujeito social*. Tradução de Euzébe Galery e Virginia Neta Machado. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004. Título original: *Le sujet social*.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – magia e história, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas II – rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire: um livro no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CHARLOT, Bernard et al. *O Sujeito e a relação com o saber*. In: BARBOSA, Raquel Lazari Leite. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003.
- KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- VEIGA, Ilka Passos Marcondes et al. *Pedagogia universitária: a aula em foco*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2000. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- \_\_\_\_\_. *Escola: espaço do projeto político-pedagógico*. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- \_\_\_\_\_. *Formação de professores: política e debates*. São Paulo: Papirus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).